



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS



ARIELY COSTA BISPO

**O MÁGICO DE OZ: VALORES E LIÇÕES DE VIDA SOB O VIÉS DA TEORIA DA
JORNADA DO HERÓI**

PICOS

2024

ARIELY COSTA BISPO

**O MÁGICO DE OZ: VALORES E LIÇÕES DE VIDA SOB O VIÉS DA TEORIA DA
JORNADA DO HERÓI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo – Picos, como requisito parcial para obtenção de título de graduação em Letras-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho.

PICOS-PI

2024

B621m Bispo, Ariely Costa.

O Mágico de Oz: valores e lições de vida sob o viés da teoria da jornada do herói / Ariely Costa Bispo. - 2024.
43f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, Campus Professor Barros Araújo, Picos - PI, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho".

1. O Mágico de Oz. 2. Lyman Frank Baum. 3. Literatura Infantojuvenil. 4. Herói. I. Carvalho, Eliana Pereira de . II. Título.

CDD 469.02

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
ANA ANGELICA PEREIRA TEIXEIRA (Bibliotecário) CRB-3ª/1217

Ariely Costa Bispo

**O MÁGICO DE OZ: VALORES E LIÇÕES DE VIDA SOB O VIÉS DA TEORIA DA
JORNADA DO HERÓI**

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Professor Barros Araújo – Picos, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho.

Data de aprovação: 18 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí
(Presidente da Banca)

Profa. Esp. Maria do Carmo Martins Lopes
Universidade Estadual do Piauí
(1ª Examinadora)

Profa. Ma. Lília Brito da Silva
Universidade Estadual do piauí
(2ª Examinadora)

**PICOS-PI
2024**

Dedico aos meus pais e meus irmãos pelo incentivo. Vocês foram meu alicerce nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar a oportunidade de conquistar os meus sonhos. Em segundo lugar, aos meus pais e aos meus irmãos por terem, sempre, me incentivado, principalmente a minha mãe que nunca me deixou desistir. Obrigada por estarem ao meu lado, por serem meu alicerce em todas as minhas caminhadas.

Aos meus amigos da graduação que estiveram comigo nesta jornada e a fizeram mais leve e agradável. A todos os meus professores, que me inspiraram a seguir até o fim neste caminho. À UESPI, que me proporcionou grandes aprendizados, que ampliou meus horizontes, o que me fez uma pessoa melhor.

Também agradeço a minha orientadora Eliana, por me ajudar na construção desse projeto e por me ensinar lições valiosas durante esta caminhada.

“[...] A única maneira de acumular conhecimento é pela experiência, e quanto mais tempo tiver de vida, mais experiências terá.” (Baum, 2020, p. 177).

RESUMO

Lyman Frank Baum, em 1900, publica o terceiro livro de sua carreira, dedicado ao público infantil. Em parceria com o ilustrador W. W. Denslow, traz a público *O Mágico de Oz*, que, em 1939, alcança sua primeira versão cinematográfica pela MGM, um dos principais estúdios de Hollywood. Nesta narrativa destinada ao público infantojuvenil, Baum, fazendo uso de uma narrativa singular, transporta o leitor para um “novo mundo” em que é possível acompanhar a jornada de aventuras e de autoconhecimento de Dorothy, seu cachorro Totó, e de seus amigos: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão. Apesar do nome da obra ser *O Mágico de Oz*, o personagem principal, em torno do qual a história gira, não é o Mágico, mas a menina órfã que é criada pelos tios Henry e Em. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar *O Mágico de Oz*, de Baum, verificando os valores e lições de vida presentes na obra, a partir dos estudos de Joseph Campbell em torno de A Jornada do Herói, presente no livro *O herói de mil faces* (2007). Com este intuito, a análise se desdobra nos seguintes objetivos específicos: 1) descrever como a literatura infantojuvenil significa enquanto instrumento pedagógico na construção de valores, objeto artístico literário e elemento de formação de novos leitores; 2) identificar os valores e lições de vida presentes na obra *O Mágico de Oz*, analisando-os a partir da perspectiva da jornada do herói; 3) relacionar os valores e aprendizados identificados na obra com o mundo fora da ficção. Como suporte teórico, além de Campbell (2007) com seus escritos sobre a jornada do herói, foram utilizados os estudos de Colomer (2017), Zilberman (2021) e Dalvi (2021) para dialogar sobre a literatura infantojuvenil em sua gênese e no atual contexto contemporâneo de transformações culturais e tecnológicas. Percebeu-se, com isso, que o surgimento de uma literatura dedicada exclusivamente ao público infantojuvenil teve sua gênese durante a formação da classe burguesa e de sua noção de família centrada na figura do pai, da mãe e dos filhos e filhas. A literatura infantojuvenil se apresenta, neste cenário, revestida de um caráter estritamente pedagógico, desconsiderando, assim, o aspecto estético da obra, tão importante ao campo literário. Todavia, numa abordagem contemporânea, viu-se que tal literatura extrapola o meramente pedagógico, dialogando com as transformações culturais e tecnológicas. Ademais, percorreu-se a narrativa de *O mágico de Oz*, verificando os estágios da jornada de Dorothy e de seus amigos: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão. Viu-se cada um dos estágios apontados por Campbell (2007) a partir da narrativa de Baum (2020). Nesse aspecto, a jornada em direção a uma região desconhecida, o mundo de Oz, torna-se possível graças a um fenômeno da natureza, o ciclone. A aceitação da jornada pelo mundo de Oz por parte da heroína, Dorothy, favorecerá o crescimento físico e espiritual não apenas da protagonista, mas também de seus aliados e companheiros de viagem, pois, ao final, todos alcançam o que desejam.

PALAVRAS-CHAVE: *O Mágico de Oz*. Lyman Frank Baum. A jornada do herói. Estágios. Dorothy.

ABSTRACT

Lyman Frank Baum, in 1900, published the third book of his career, dedicated to children's audience. In partnership with illustrator W. W. Denslow, he brings to the public *The Wizard of Oz*, which, in 1939, reaches its first film version by MGM, one of the main studios in Hollywood. In this narrative destined for children's and youth, Baum, doing usage a singular narrative, transports the reader to a "new world" in which it is possible to follow the journey of adventures and of self-knowledge of Dorothy, her dog Toto, and her friends: the Scarecrow, the Tin Man and the Lion. Despite the name of the work being *The Wizard of Oz*, the main character, around whom the story revolves, is not the Wizard, but of the orphan girl who is raised by her uncles Henry and Em. The present work has the general objective of analyzing Baum's *The Wizard of Oz*, verifying the values and life lessons present in the work, based on Joseph Campbell's studies on *The Hero's Journey*, present in the book *The Hero with a Thousand Faces* (2007). To this end, the analysis unfolds into the following specific objectives: 1) to describe how children's youth literature can be used as a pedagogical instrument in the construction of values, a literary artistic object and an element in the formation of new readers; 2) to identify the values and life lessons present in the work *The Wizard of Oz*, analyzing them from the perspective of the hero's journey; 3) to relate the values and learning identified in the work with the world outside of fiction. As theoretical support, in addition to Campbell (2007) with his writings on the hero's journey, studies by Colomer (2017), Zilberman (2021) and Dalvi (2021) were used to dialogue on children's youth literature in its genesis and in the current contemporary context of cultural and technological transformations. It was thus perceived emergence of literature dedicated exclusively to children and young people had its genesis during the formation of the bourgeois class and its notion of family centered on the figure of the father, mother and sons and daughters. Children's youth literature presents, in this scenario, coated of itself with a strictly pedagogical character, thus disregarding the aesthetic aspect of the work, which is so important to the literary field. However, in a contemporary approach, it was seen that such literature extrapolates the merely pedagogical, dialoguing with cultural and technological transformations. Moreover, the narrative of *The Wizard of Oz* was covered, verifying the stages of the journey of Dorothy and her friends: the Scarecrow, the Tin Man and the Lion. was seen, each of the internships pointed out by Campbell (2007) from Baum's (2020) narrative. In this aspect, the of journey toward an unknown region, the world of Oz, becomes possible thanks to a phenomenon of nature, the cyclone. Acceptance the journey through the world of Oz on the part of the heroine, Dorothy, will favor the physical and spiritual growth not only of the protagonist, but also of her allies and traveling companions, because, in the end, everyone achieves what they desire.

KEYWORDS: *The Wizard of Oz*. Lyman Frank Baum. *The Hero's Journey*. Stages. Dorothy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: OS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E ESTÉTICOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR	12
2 O MÁGICO DE OZ E A JORNADA DO HERÓI	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Na literatura ocidental, por um grande intervalo de tempo, só havia a produção de obras literárias destinadas ao adulto burguês. A literatura era elaborada especificamente para essa classe e faixa etária. Por volta do século XVII e XVIII houve uma mudança no conceito de família, tendo como paradigma a burguesia, cujo arquétipo se centralizava nos três principais membros: pai, mãe e filhos. A partir dessa nova concepção de família, que evidenciava um “novo” membro social — a criança, passou-se a produzir uma literatura destinada a elas e aos jovens, para a educação deles. Em síntese, as obras escritas para esses “novos” membros sociais eram apenas para fins didáticos, como forma de conduzir as crianças e os jovens, de moldá-los à maneira da tradição burguesa para que estivessem aptos a viver na sociedade moderna.

Tendo em vista o fato de a produção da Literatura Infantil/Infantojuvenil ter decorrido da necessidade de formar esses “novos” indivíduos sociais e não como arte, instituiu-se, assim, o desprestígio da crítica por esse novo ramo da literatura, pois ela se precipita sobre o objetivo da criação do gênero infantojuvenil, sem analisar a obra em si, acabando por desvalorizar a produção dirigida a esse grupo de leitores enquanto arte.

Aos poucos, a Literatura Infantil/Infantojuvenil vai se firmando para além de seus aspectos pedagógicos, sendo reconhecida também por seus contornos estéticos e criativos que a inserem no campo artístico. É evidente que, como leitura de mundo, ela tenha sempre algo a dizer a seus leitores e isso é produtivo.

No ano de 1900, o autor L. Frank Baum trouxe ao público o livro *O Mágico de Oz*. Essa obra não apenas se tornou parte da construção da identidade dos Estados Unidos, como também obteve o reconhecimento da crítica. Para alguns críticos literários, a personagem principal da obra, Dorothy, é considerada a primeira feminista da ficção infantil.

O escritor e jornalista Lyman Frank Baum nasceu em 1856, em Nova York, e morreu em Hollywood, em 1919. Sua família não era rica, mas vivia com conforto e ele, desde muito jovem, desenvolveu seu amor pela literatura. Na adolescência, com uma prensa móvel, que seu pai lhe dera, já editou e imprimiu seu próprio jornal. Foi enviado para o exército quando tinha apenas doze anos e aos dezessete fundou uma revista amadora. Sendo multifacetado, antes de ser conhecido no campo literário, mais especificamente na literatura infantil/infantojuvenil, ele foi comerciante, criador de

galinhas, caixeiro-viajante e diretor de uma companhia teatral. Foi nessa época que conheceu sua mulher, Maud Gage, filha da feminista Matilda Joslyn que, de início, não gostou do envolvimento dos dois. Acredita-se que mãe e filha foram fundamentais para a construção da personagem Dorothy. Em 1899, Baum publicou a coletânea infantil *Papai Ganso* e em 1900 lançou *O Mágico de Oz* (que teve sua versão cinematográfica em 1939) com a colaboração do ilustrador W.W. Denslow. A história de Dorothy, Totó, Espantalho, Homem de Lata e o Leão Covarde gerou tanta repercussão que Baum publicou mais treze obras referentes a Oz.

No romance juvenil *O Mágico de Oz*, Baum, fazendo uso de uma narrativa original, transporta o leitor para um “novo mundo”. O leitor acompanha Dorothy na sua jornada de volta para casa. Apesar do nome da obra ser *O Mágico de Oz*, o personagem principal, em torno do qual a história gira, não é o Mágico, mas a menina órfã que é criada pelos tios Henry e Em. A menina, através de um tornado, é levada para o Reino de Oz, onde, na busca da ajuda do mágico para voltar para casa, ela vai conhecer muitos amigos (O Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde) que irão necessitar do auxílio de Dorothy para “conquistar” seus objetivos, mas que também irão ajudá-la a conseguir os seus. No fim dessa jornada, cada um dos amigos vai conseguir a solução para o seu respectivo problema e a consciência de que as respostas para as suas adversidades estavam neles mesmos, na capacidade de assumirem a sua própria jornada. Embora cada jornada contasse com a ajuda de outras pessoas, somente os atores sociais nelas inseridos poderiam escolher os caminhos para reger sua vida.

Alguns leitores das obras *O Mágico de Oz* e *Alice no País das Maravilhas* tendem a compará-las, acentuando algumas das principais diferenças entre as duas obras. Isso faz com que o livro de L. Frank Baum seja tão valorizado pelos estadunidenses que apreciam a comparação entre as personagens Dorothy e Alice. Dorothy, desde o início, quando chega no “mundo novo”, quer voltar para Kansas, sua casa. Ela se afeiçoa aos amigos que faz durante sua estadia ali, mas não hesita em deixá-los no final, devido a sua noção de pertencimento; enquanto Alice quer explorar o novo mundo, não se apega aos companheiros que faz e só volta para casa por conta de outro evento que lhe leva de volta. Comparando-se *O Mágico de Oz* com outra obra, verificando suas divergências e anuências, ou analisando-a isoladamente, é possível verificarmos em sua narrativa valores e lições de grande importância para a vida dos leitores que leem a obra, seja para entrar em um mundo encantado de aventuras ou para analisar criticamente sua construção.

Diante disso, submetemos a obra *O Mágico de Oz* de Lyman Frank Baum como objeto de pesquisa neste estudo no intuito de colaborar com a valorização da literatura infantojuvenil como arte e fonte de formação de jovens leitores. Para tanto, verificaremos os valores e lições de vida trazidos pela obra, acompanhando as aventuras de Dorothy e seus amigos pelo mundo encantado do mágico de Oz em uma jornada de descobertas e de conhecimentos que configuram *A Jornada do Herói*.

Para tanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os valores e lições de vida presentes na obra *O Mágico de Oz*, sob o viés da teoria de *A Jornada do Herói*. Com este intuito, a análise se desdobra nos seguintes objetivos específicos: 1) descrever como a literatura infantojuvenil significa enquanto instrumento pedagógico na construção de valores, objeto artístico da literatura e elemento de formação de novos leitores; 2) identificar os valores e lições de vida presentes na obra *O Mágico de Oz*, analisando-os a partir da perspectiva da jornada do herói; 3) relacionar os valores e aprendizados identificados na obra com o mundo fora da ficção.

Nesse sentido, o trabalho monográfico se constituiu como sendo de cariz bibliográfica. A concretização dele, portanto, valeu-se de estudos anteriores de outros pesquisadores que abordaram os objetivos propostos por este trabalho. Os conhecimentos necessários para essa investigação serão adquiridos por meio da leitura dos textos desses pesquisadores, associados ao conhecimento e experiências da própria autora sobre o tema escolhido. Afinal, como relata Antônio Carlos Gil (2002, p. 59), o trabalho monográfico decorrente de um projeto bibliográfico é “elaborado com base na experiência de seu autor, cotejada com a experiência de outros autores nesse campo”.

A elaboração de um projeto bibliográfico, conforme aborda Gil (2002, p. 59-60), é feita por meio de nove etapas, que consiste, em primeiro lugar, na escolha do tema; em seguida, há o levantamento bibliográfico e, na sequência, formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação do texto.

Para a elaboração da escrita monográfica, este trabalho de conclusão de curso se utilizou de publicações de autores que abordaram o tema, como livros e artigos científicos. A partir desses materiais, foi feita uma análise crítica de cada um deles. Mediante o estudo dos autores e autoras que compuseram o referencial teórico, a partir de orientação dada, obtivemos a compreensão do tema estudado não exclusivamente sob o olhar de uma única fonte, mas de várias, considerando que um trabalho bibliográfico é realizado através de uma discussão ampla que verse sobre outras discussões já

realizadas por outros pesquisadores na mesma área de estudo.

Para a escolha adequada das fontes bibliográficas, como afirma Gil (2002, p. 64), “a contribuição do orientador é fundamental”. Para além dessa contribuição, há o levantamento de especialistas ou pessoas que tenham se debruçado sobre o assunto, considerando que estes “podem fornecer não apenas informações sobre o que já foi publicado, mas também apreciação crítica do material a ser consultado” (*idem*).

Este tipo de pesquisa, como afirma Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65), está inserido especialmente no interior das universidades, com o intuito de aperfeiçoar habilidades e percepções sobre determinada área do conhecimento, por intermédio de publicações de pesquisadores sobre a temática desenvolvida no projeto. Ela tem como finalidade o aprimoramento e a atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Este trabalho monográfico se estrutura em quatro partes, sendo a primeira esta introdução. As demais partes consistem nos dois capítulos do desenvolvimento, além das considerações finais e do referencial teórico utilizado para a elaboração da escrita. O primeiro capítulo, denominado de **Literatura para crianças e jovens: os aspectos pedagógicos e estéticos e a formação do leitor**, procurou descrever o surgimento de uma literatura dedicada ao público infantil e juvenil dentro da formação da família burguesa e de uma escola que, naquela conjuntura, precisava de um instrumento pedagógico que a auxiliasse na formação moral dos filhos da burguesia; como também buscou discorrer sobre a formação do leitor infantil e juvenil que pode encontrar na literatura a eles destinados muito mais que um instrumento pedagógico. O segundo capítulo, intitulado **O Mágico de Oz e a Jornada do Herói: valores e lições de vida**, visou primeiramente contextualizar a obra e a autoria estudadas no cenário literário para, depois disso, concentrar-se no detalhamento dos estágios relativos à jornada do herói, conforme Campbell (2007), bem como na abordagem destes estágios na obra em questão.

1 LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: OS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E ESTÉTICOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O nascimento da Literatura Infantil/Infantojuvenil é consequência tanto da queda de um regime político, quanto de uma nova necessidade social. Com a decadência do

sistema feudal, há também o desmoronamento de suas concepções, de suas ideologias. Com o empobrecimento do feudo, pela revolução burguesa, entre outros motivos, a idealização de família, de grupo familiar, do Feudalismo, decaiu. Antes, constituída por vários membros que carregavam o mesmo sangue ou ligados por outras formas; agora, tendo adotado o modelo burguês de família, centralizado em três integrantes, pai, mãe e filhos, valorizando, assim, também o modelo dessa instituição.

Da dissolução desta hierarquia nasceu e difundiu-se um conceito de estrutura unifamiliar privada, desvinculada de compromissos mais estreitos com o grupo social e dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno, bem como de sua intimidade (Zilberman, 2003, p. 16-17).

Com a difusão desse novo padrão de núcleo social, houve o destaque de um de seus componentes, os filhos. A visibilidade dada a esse integrante da família burguesa fez com que a infância fosse entendida como uma fase particularmente sensível e necessitada de atenção. Assim, a criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura. Até o momento em que não havia essa centralização, a criança tinha o mesmo tratamento que os pais recebiam, ela trabalhava, com um salário muito menor, provia para casa e não era excluída de conversas “de adultos”.

Diante desse cenário burguês, uma nova demanda surgiu, a necessidade de preparar esse “novo” integrante social, a criança, para a vida adulta. A criança necessitava de uma preparação para a vida na sociedade e para a vida profissional. Ela precisava de uma educação que a moldasse de acordo com a sociedade em questão, pois, neste cenário de preocupação com a criança, há a indispensabilidade de formá-la como indivíduo social. O objetivo do sistema político é o de prepará-la para exercer uma função, como também moldar as convicções dela de modo que favoreça a parte do poder político.

Tendo em vista esta fase da vida da criança, observou-se suas carências e, com isso, notou-se sua fragilidade em comparação aos indivíduos “devidamente” formados. Em decorrência disso, houve o seu afastamento do trabalho, colocando-a como dependente dos pais e da sociedade. Eles não mais trariam renda para complementar o pagamento das despesas da casa, mas, ao contrário, trariam demandas que deveriam ser supridas pelos pais. Em suma, os pais deveriam prover para a casa em si e para suprir as novas exigências da criação de uma ou mais crianças.

Por sua vez, a escola, segundo Zilberman (2003), se encarregaria da preparação dos jovens para serem inseridos no mercado de trabalho e, simultaneamente, de afastá-

los do “mundo adulto” para mantê-los seguros dos perigos e traumas que pudessem ocorrer em suas vidas. Ela se incumbiria de formar os ideais dos jovens de um modo que favorecesse o sistema, mantendo, assim, uma relação de oposição com a vida, pois não preparava o jovem para a vida em si, para as suas adversidades, para resolver problemas, mas, sim, para cumprir ordens, para ser conivente com o sistema, fechando os olhos para a injustiça social, pois o sistema não desejava ser contrariado, mas obedecido. Para tanto, demandava indivíduos capazes de executar ordens sem questionamentos ou resistências.

Como instrumento pedagógico no auxílio à escola, na formação da jovem população, é criada a literatura infantil/infantojuvenil. De início, a criação dela terá como finalidade apenas a instrumentalização pedagógica da educação; o que ocasionará a sua desvalorização, pois a escola se esquecerá que tal material pedagógico é também literatura e, como tal, é uma forma de mediação entre esses “novos indivíduos” e a sociedade, situando-os no mundo. Em suma, a literatura não se aplica a mero instrumento pedagógico, cujo objetivo esteja direcionado unicamente para atender a demanda da escola de formar indivíduos submissos ao poder estatal. O fato de ter sido utilizada para educar, para moldar, não anula o fato de a literatura formar o indivíduo, de ajudá-lo a se situar na sociedade, de ela ser a sua representatividade, pois através dela são representados.

A literatura infantil/Infantojuvenil, portanto, é manuseada, nessa época, como instrumento de doutrinação, no intuito de alienar o indivíduo no início da formação de sua vida (o que já evidencia a sua importância na construção de valores). Algo que demonstra isso é o fato de os escritores dessas obras literárias serem pessoas da área da educação. Desse lugar, eles criam obras que espelham o mundo adulto, onde o jovem leitor é oprimido, não tendo o direito de se expressar, fazendo com que a criança reconheça seu “lugar” no mundo, que é a de um ser que não consegue se autoconduzir. A literatura infantil/infantojuvenil entra, assim, no subconsciente infantil, utilizando-se de um método que aliena o indivíduo, para que cumpra os valores predeterminados pelo poder.

Diante disso, será que retirar a literatura da escola é a solução para amenizar a doutrinação? De certo que não, primeiro porque a doutrinação implica ideologias e, sendo assim, não há escrita que não esteja contaminada por elas. Segundo porque a extinção da literatura na escola significaria o abandono da criança em um mundo onde ela se sente e é inferiorizada como incapaz. Por outro lado, é possível se utilizar uma literatura destinada especificamente ao público infantil e juvenil estimulando a capacidade reflexiva

e crítica; o que ajudará na construção de valores ideológicos, que auxiliará na emancipação deste público, na construção da vida adulta, na consciência da manipulação do sistema, propiciando o posicionamento crítico perante diversas situações.

A literatura para crianças (Literatura infantil/infantojuvenil), é um dos gêneros mais recentes, tendo surgido por volta do século XVII e XVIII. As grandes mudanças que ocorreram na sociedade chegaram à literatura já que esta é o retrato daquela. Por exemplo, houve a queda, o despencar da epopeia e da tragédia, gêneros clássicos, em substituição a outros gêneros como o romance que, por muito tempo, foi a representação de uma forma social, a burguesia. Tendo chegado à área da literatura o desenvolvimento da indústria, passou-se a produzir obras literárias em massa e, nesse cenário, surge a literatura infantil e juvenil, embora ela tenha “características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo *status* concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola”, afirma Zilberman (2003, p. 33).

Devido a essa aceleração na produção literária e por estar vinculada à escola, esse gênero ficou desprovido da regulamentação artística. Para a crítica, ele não possuía valor estético e, assim, foi excluído do mundo da arte, deixando-se de se considerar autores e obras em específico que traziam reflexões a respeito da vida, por se encontrarem afastados da receita pronta da moral e cultura burguesa. Nesse contexto, a literatura infantil/juvenil era considerada de âmbito pedagógico e nada tinha a ver com a literatura como arte.

Entretanto, conforme Colomer (2017), é imprescindível que haja a reflexão sobre o livro infantil e juvenil, seja como material didático ou arte literária, pois o que o adulto, responsável por escrever e o encarregado de mediar a obra, pensa é refletido em suas atitudes e em seus livros escritos para crianças e jovens. Este mundo adulto raramente entra em simetria com o mundo infantil e com a maneira de concebê-lo. Em decorrência disso, é necessário que se visualize este gênero como literatura, como arte, que carrega grandes funções no desenvolvimento da criança e do jovem, seja intelectualmente e/ou criticamente. Colomer (2017) afirma que as principais funções dessas obras podem ser fragmentadas em três partes:

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade.
2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.
3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações (Colomer, 2017, p. 20).

Dessa maneira, vemos, a partir da primeira função destacada por Colomer (2017), que a literatura para os jovens tem a função de se conectar ao imaginário coletivo, de se comunicar e se identificar com o mundo, de se ligar ao outro através de arquétipos compartilhados pela humanidade. A autora relata que esse contexto universal é o que permite a compreensão da literatura de todas as épocas e regiões, pois ela se utiliza de ilustrações e temáticas corriqueiras, sucedendo-se de expressões que seguem os mesmos moldes.

Teresa Colomer (2017) se refere a alguns símbolos como pertencentes a toda a humanidade, dando como exemplo, a representação da perfeição. Expõe, também, o fato de a literatura reinventar esses temas universais trazendo-os para a atualidade para serem repassados para a sociedade, cujos membros se utilizam para se estabelecer no mundo, para enxergar seu futuro (sua perspectiva de futuro) a partir do meio em que estão inseridos. Trazendo à tona a representatividade do indivíduo, que está anexado nessas obras, o leitor consegue associar a sua realidade com os temas trabalhados. “Assim, pois, a literatura oferecida aos meninos e meninas os incorpora a essa forma fundamental do conhecimento humano” (Colomer, 2017, p. 21).

Através de sua representatividade, nessas obras, e como lhes são apresentadas, as crianças e os jovens constroem seu caráter, sua individualidade e sua maneira de enxergar o mundo, a partir das situações nelas expressas. Por intermédio dessa percepção já construída, com amparo da literatura infantil/juvenil, eles são capazes de se posicionar acerca de determinado assunto, de uma forma crítica. A literatura tem como uma de suas funções expor temáticas, de uma maneira que seu leitor se identifique e possa se posicionar a respeito com base no que foi lido. É através da literatura que as crianças experienciam o mundo, é onde tudo começa e elas encontram as primeiras associações com a realidade, de uma forma que compreendam e que possam, assim, construir aos poucos seu senso crítico.

O imaginário, conforme Colomer (2017), está sempre em evolução e, com ele, a literatura que se encontra, sempre, em ampliação, abordando temas de formas diversas e, também, novas questões sociais que compõem cada momento histórico social. Além disso, como demonstra a referida autora, na sua segunda principal função, os livros escritos para a criança carregam “A aprendizagem da linguagem e das formas literárias” (2017, p. 26). Por intervenção da Literatura Infantil/Infantojuvenil, os jovens leitores vão ampliar suas aptidões críticas, pois adquirem a facilidade de reger sua linguagem,

acessando os modelos literários básicos, e, por conseguinte, uma educação literária. A literatura possibilita ao jovem leitor a descrição do mundo, revelando o que há para além do texto; ao passo que o faz perceber o interior desse texto, voltando-se para sua organização enquanto texto. Por outro lado, o que este leitor sente, também pode ser descrito através das palavras e expressões que aprendem com a leitura, com o hábito de ler.

Com cada vez mais experiência, os leitores se tornam capazes de compreender as diferentes vozes que podem compor uma obra literária. Dessa forma, como afirma Colomer (2017, p. 27): eles “estão preparados para achar a mistura de vozes do narrador e dos personagens que encontram nos contos”; o que, para ela, pode chamar a atenção deles para outros pontos do discurso literário como o paradoxo e a metaficção, o que vai lhes encantar e, assim, passar a explorá-las nos discursos orais e não só nos escritos.

Sendo, o jovem leitor, capaz de fortalecer sua compreensão de textos literários, ele vai, quando estiver diante de um, ouvir/ler com muito mais atenção, por ter entendido que uma explanação literária compreende vários meios que são presumidos a partir de palavras específicas. É apenas através de sua independência leitora que ele será habilitado a produzir sua assimilação sobre a narrativa em questão e com cada uma delas terá conhecimento de diversos contextos sociais e históricos.

Impregnado de vivências e consciências trazidas pela literatura, o leitor verá e se sentirá qualificado para transformar o seu meio. Isso leva a crer que a literatura designada para crianças e jovens os ajudam a compreender a forma de pensar e agir do adulto; o que os levam a compreender a sociedade, evoluindo perante ela e se tornando capacitados para nela intervirem. A experiência social adquirida, por obras literárias ou de experiências no seu ambiente social, construirá a interpretação do leitor a respeito de determinados textos e situações.

Os livros ajudam a saber que as imagens e palavras *representam* o mundo real. A partir da exploração das imagens fixas e das repetições das pequenas histórias, a criança tem tempo para identificar e compreender. Nesse compreender não apenas interpreta o que aparece objetivamente representado, mas também percebe os juízos de valor que merecem as coisas em sua própria cultura [...]” (Colomer, 2017, p. 31-32).

Como já foi mencionado, as obras da literatura infantil/infantojuvenil favorecem a construção do senso crítico de crianças e jovens, contribuindo, com suas recorrências temáticas e linguísticas, para o entendimento dos elementos do contexto social e

linguístico do qual fazem parte e, que, posteriormente, serão responsáveis por reger suas escolhas literárias. As narrativas lidas passam a fazer parte de sua cultura e, desse modo, os jovens leitores começarão a entender a literatura como algo natural, de seu convívio, se sentindo parte do corpo social de leitores.

Outra função principal das obras pertencentes à literatura infantil e juvenil, segundo Colomer (2017, p. 62), diz respeito à “socialização cultural”. De acordo com a autora, a literatura infantil e juvenil sempre foi posta como socializadora. Antes, algumas obras eram escritas especificamente ao público feminino, outras ao masculino e ambos não poderiam ter acesso à ‘obra escrita para o outro’. Havia a discriminação de gênero nos livros que só veio a se modificar a partir de 1970, quando a literatura reservada ao jovem leitor assumiu o compromisso de produzir obras literárias que não carregassem valores e princípios que estabelecessem diferenças entre os gêneros.

A manutenção de um *status quo* de inserção da mulher em um espaço privado, longe do público, é notório em algumas obras antigas que traziam, por exemplo, traços machistas como a questão da obrigação feminina de se casar, constituir famílias e cuidar da casa e da prole, afirma Colomer (2017, p. 64). Apesar das transformações sociais ocorridas, uma produção em maior quantidade, embora realizada de maneira sutil, ainda manifesta o universo literário a partir de um protótipo masculino.

[...] os esforços por uma literatura infantil e juvenil não sexista foi se diluindo na confiança dos prêmios recebidos pelos avanços igualitários, [...] o abandono da vigilância educativa diante de uma crítica bem recebida que proclamava o predomínio dos valores artísticos (Colomer, 2017, p. 69).

No século XXI, a literatura infantil e juvenil começou a ter o seu lugar como arte, porém, segundo Colomer (2017), isso a deixou a cargo de um mercado seletivo do entretenimento. Além disso, a visão masculina perdura nessas obras e, com isso, o padrão masculino, apenas, se expandiu. Considerando que o machismo, ainda, atravessa as gerações, não teria como ser retratado em uma obra literária uma realidade inexistente. Então, não teria como a referência masculina, a visão do homem (ser masculino) como superior, deixar de existir nas narrativas, sendo que na realidade ela ainda se perpetua, como questiona a autora: “[...] podia pedir-se à ficção que fosse além dos avanços sociais sem transformar a literatura em um panfleto didático, como havia ocorrido majoritariamente com a chamada literatura antiautoritária ou feminista dos oitenta?” (Colomer, 2017, p. 67).

A literatura, por representar a realidade, não pode, em termos de cultura, representar algo ainda inexistente em nosso contexto social. A evolução social é necessária para que a discriminação, a subjugação da figura feminina seja suprimida. Ainda há muito o que se modificar, para que haja a igualdade de gênero, para que cada indivíduo possa agir de acordo com o que ele é e como ele é e não como “manda” o arquétipo do machismo que predomina em nossa sociedade. Somente com a superação desse modelo poderemos ter uma sociedade mais igualitária em que a literatura poderá reproduzir à sua maneira.

Como é discorrido no prefácio, de autoria de Regina Zilberman, no livro *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*, organizado por Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, no extenso caminho da história do Ocidente, “[...], o pacto da literatura com a escola foi gerenciado, a cada época, por senhores diversos – religiosos, políticos, pedagogos –, todos, por sua vez, vinculados ao poder. [...]” (Zilberman, 2021, p. 7). Considerando o exposto, pode se dizer que a escola e a literatura sempre estiveram presas à vontade do poder, ao que lhe era satisfatório. Ambas não caminhavam juntas, mas a sociedade está sempre em progresso e com ela a literatura e a escola andam. Dessa forma, a ligação entre tais instituições está sempre sendo reformulada, para que haja a melhor, possível, formação leitora dos educandos. É a união desses dois universos, a interação de ambos que forma o processo chamado de Formação de Leitores.

Como aborda Colomer (2017), um dos objetivos mais indagados da educação literária desde 1960 é conhecer o patrimônio literário, já que é dever da escola gerar habilidades leitoras nos seus alunos com amplo acesso a textos diversificados de várias origens e não se limitar, apenas, a textos consagrados, que fazem parte do cânone literário. O jovem leitor necessita de interação com sua cultura atual, seu contexto social e não, somente, com textos que abordam a história política e social de um universo que ele desconhece. É importante saber, ter entendimento sobre a história passada, mas também é importante a abordagem de temas atuais, pois, com a junção deles, o leitor se tornará mais proficiente.

Porém, deve-se lembrar que, para orientar a comunicação social, como afirma Colomer (2017), é bastante válida a leitura dos clássicos, devido a duas manifestações atuais que é a deglutição apressada da cultura e as complicações em crescimento das sociedades atuais. A identidade e subjetividade pessoal do indivíduo fica presa, afetada com esse aproveitamento acelerado da cultura, o que diminui o seu conhecimento, pois o

conteúdo que passam a consumir não carrega concepções que favoreçam o intelecto e o crescimento complexo da sociedade atual provoca o individualismo, o que divide a vida social. Apesar de a literatura atual ser um instrumento cultural excelente que tem representado esse novo ambiente social com propriedade e todas as culturas que o envolve, a leitura dos clássicos se faz necessária. Colomer (2017) cita alguns conteúdos concretos que os textos clássicos oferecem à aprendizagem infantil/juvenil, para cumprir três funções do acesso à tradição:

- ◆ Conhecer os textos mais elaborados. Se os recursos literários se reutilizam é porque tiveram êxito e constituem um imaginário compartilhado ao que tanto os autores como os leitores gostam de ler uma e outra vez. [...].
- ◆ Obter o prazer de reconhecer elementos literários no jogo intertextual, um prazer aumentado pela consciência de alcançar um segredo compartilhado coletivamente. [...].
- ◆ Entender o porquê desse jogo com as obras literárias anteriores. Se os autores oferecem novas versões das obras conhecidas, é porque se propõem a alterar o significado original acrescentando à narrativa novas perspectivas ideológicas ou artísticas. [...] (Colomer, 2017, p. 131).

Textos que trazem um ambiente mais organizado com imagens representativas bem elaboradas, tendem a chamar a atenção do leitor a fazer com que ele leia e releia uma obra com mais prazer. Além disso, o conhecimento da intertextualidade entre o texto já lido e o que está sendo desvendado pelo leitor, vai se construindo à medida que a leitura for avançando e o prazer da leitura aumentando e gerando o conhecimento do porquê deste jogo literário, através do entendimento das ideologias presentes no texto.

Relacionado com o contexto da educação literária, segundo Dalvi (2021), no texto *Educação, literatura e resistência*, “a educação literária pode ou não participar de um movimento intencional e esclarecido *contra* o desmonte nos campos cultural-artístico e político, com seus [...] desdobramentos na vida e nas experiências das pessoas. [...] (Dalvi, 2021, p. 18). Um texto literário pode ser elaborado com o propósito de persuadir o leitor acerca de determinada opinião vinda de uma ideologia específica ou somente o autor escreveu o texto sem o objetivo de convencer o leitor, porém suas ideologias ficam presentes no texto, sendo que é impossível separar suas crenças, suas culturas do que o leitor cria. Afinal, o discurso ideológico do autor ou autora sempre estará presente, sendo impossível separá-lo da obra, mas é possível ressignificá-lo.

Para que exista uma educação literária de qualidade é imprescindível que haja a junção da família e da escola. Alunos que, desde sua primeira infância, tiveram acesso à

literatura por intermédio dos familiares têm um desenvolvimento linguístico superior aos outros que não o tiveram, além de uma maior e melhor desenvoltura para lidar com certas atividades e situações. Quando o hábito da leitura é desenvolvido cedo, o indivíduo só tem a se beneficiar, pois possui uma melhor compreensão do mundo em si, dos discursos ideológicos presentes nele e dispõe de um discurso mais elaborado, um vocabulário rico de palavras e expressões. Sendo assim, não se pode descartar a leitura de obras infantil/juvenil que são de grande relevância para a formação de valores de crianças e jovens, pois, por meio das experiências de mundo trazidas pela literatura, eles têm contato com o texto literário à medida que adquirem contato com as representações sociais que comportam seu mundo. A literatura auxilia crianças e jovens a interagirem com o mundo das normas sociais, experienciando o mundo dos livros.

2 O MÁGICO DE OZ E A JORNADA DO HERÓI: VALORES E LIÇÕES DE VIDA

Há livros cuja temática é de cunho realista, enquanto outros exploram a fantasia com muita intensidade e são estes que mais aderem ao gosto de crianças e jovens. A fantasia é algo inerente à infância e para além dela. É por meio da fantasia que a realidade se torna inteligível para crianças e jovens. Neste tocante, temos as “Narrativas do Realismo-Maravilhoso (ou Mágico)” que, segundo relata Coelho (2010, p. 170), são narrativas que transportam as vivências humanas para a trama literária, tendo como matriz a vida real, mas que trazem em si, com o passar do enredo, o reverso dessa realidade, enveredando para o absurdo em contraposto com a realidade. Sobre isso, a autora expõe que contos escritos pelo autor Andersen já faziam relação com o maravilhoso/mágico, mas o primeiro autor, segundo ela, que alcançou grande capacidade de se aprofundar nesse aspecto em obras do Modernismo foi o autor de *Alice no País das Maravilhas*, Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido por Lewis Carroll (1832-1898). O conto de fadas é uma herança da cultura oral, que leva em seu modo e característica os elementos do mágico em sua escrita, devendo ser valorizado, pois carrega em seu enredo as tradições de um povo.

Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898) escreveu seu primeiro conto, “O Desconhecido”, aos treze anos de idade, em 1845, mas só a partir de 1855, já com o

pseudônimo Lewis Carroll, começou realmente sua carreira como escritor, produzindo poemas humorísticos e contos que foram publicados na revista *Comic Times*. Ele permaneceu como professor de matemática por mais de duas décadas em Christ Church College, de Oxford, construindo uma carreira brilhante. Tendo sido sua maior obra *Alice no País das Maravilhas*, cuja inspiração para a sua concepção foi obtida através de um passeio, onde estava a menina Alice Liddell e suas irmãs. O livro teve sua publicação no ano de 1865, dez anos depois de ter dado início a sua carreira como escritor.

Nesta obra, a protagonista “cai” do mundo real em um mundo fantástico e desconhecido ao despencar dentro de um poço, depois de ter corrido atrás de um coelho, que não era normal, e que acaba por entrar em uma toca. Neste “novo mundo”, de que agora ela passa a fazer parte, tudo se desenrola de uma forma que não é natural. Há referências do mundo real, contudo, essas informações do mundo real não se apresentam/comportam de maneira natural, mas “mágica”, havendo, por fim, nessa obra, o realismo-maravilhoso. Da mesma forma, pode-se falar de *O Mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum, que comporta, em seu enredo, as mesmas contravenções do real, tal qual ocorre em *Alice no País das Maravilhas*.

Coelho (2010) também aponta outros autores do realismo-maravilhoso (mágico), como o romancista James M. Barrie (1860-1937), que, apesar de ter começado sua carreira como escritor, produzindo novelas (era fã de novelas), consagrou-se mesmo foi com a criação de *Peter Pan* o menino que não queria deixar sua infância, não queria deixar de ser criança. Em decorrência das características do realismo-maravilhoso na obra em questão, Peter Pan se tornou um dos personagens mais amados da literatura infantojuvenil. Do mesmo modo, também, expõe o escritor de *As Aventuras de Pinóquio*, publicado em 1883, Carlo Lorenzini Collodi, usufruindo do universo do realismo-maravilhoso. O autor começou a escrever para o público juvenil em 1875, fazendo adaptações dos contos de Perrault. Pinóquio foi traduzido para diversas línguas e é considerado por toda a crítica como uma obra-prima deste campo destinado ao público juvenil.

Além disso, Coelho (2010) descreve a narrativa de Barão Münchhausen (Barão de Munchhausen realmente existiu) e suas aventuras como pertencentes a esse ambiente narrativo. Não apenas um, mas três escritores escreveram novelas sobre ele, como R. A. Raspe (1737-1794) e G. A. Burger (1747-1794) que produziram novelas relacionadas ao Barão, quando este ainda vivia (o Barão nasceu em 1720 e faleceu em 1797). Karl L. Immermann (1796-1840), e um terceiro escritor, que criou a sua versão após a morte do

Barão.

É neste contexto do Realismo-Maravilhoso que se encontra a obra *O Mágico de Oz*, que vai ser analisada nesta pesquisa. O romance de Lyman Frank Baum (1856-1919), publicado em 1900, carrega em sua fantástica narrativa traços do absurdo, da junção do real com o mágico. Na obra, são característicos do maravilhoso/mágico, por exemplo, os aliados de Dorothy, que são humanizados; ou seja, ganham vida humana. O Espantalho existe na realidade, mas não como retratado no livro, agindo como se estivesse vivo. O Homem de Lata não tem como estar vivo, já que perdeu todos os seus órgãos vitais e o Leão Covarde não tem como dialogar com uma pessoa, pois um leão de verdade não fala.

A aventura de Dorothy e seus amigos no mundo de Oz em busca das suas aspirações se encaixa no universo das narrativas do Realismo-Maravilhoso, mesmo que Baum (1856-1919), tenha trazido para a sua obra algo de novo em relação ao gênero, já que, segundo ele, o público infantil de sua época necessitava de obras modernas, que abandonassem certas tradições, pois o contexto social em que elas estavam inseridas era outro. Para o autor, a literatura precisa evoluir com a sociedade, evidenciando suas transformações sociais e influenciando outras mudanças, sem, no entanto, deixar o passado esquecido, todavia sem se sujeitar a ele.

Baum (1856-1919) aborda, nesta obra, o tópico da monarquia. Como coloca o autor Bruno Anselmi Matangrano (2021), em seu artigo: “O mundo de Oz de L. Frank Baum: conto de fadas modernizado, utopia norte-americana ou alta fantasia avant la lettre?”, a narrativa acontece no mundo/reino de OZ, onde o Mágico governa e cujo lugar leva seu nome. Ele transporta também, de acordo com Matangrano (2020), em sua trama, o totalitarismo, pois duas regiões de Oz são governadas por bruxas más e a realização de magia no reino é proibida, só pode ser realizada com autorização. Para o articulista citado, há uma hierarquia nesta obra, havendo limite em relação à prática da liberdade, como também da privacidade já que, por exemplo, uma das bruxas más é capaz de ver Dorothy e seus amigos de seu castelo. Ou seja, como ela foi capaz disso, se não através da espionagem da população? Estas e outras questões são abordadas na obra de Baum (1856-1919), consagrando-a perante a crítica, porém, o que vai ser analisado aqui, neste trabalho, são os valores humanos e as lições de vida que a narrativa carrega a partir dos personagens e suas trajetórias na narrativa. Considerando-se a jornada que Dorothy e seus amigos empreendem, pretende-se, aqui, analisá-la sob a ótica da teoria “A jornada do herói”, de Joseph Campbell. A intenção é descrever a aventura do herói, ou da

heroína, no caso em questão, tratada por Joseph Campbell, em *O herói de mil faces* (2007), em que o herói empreende uma jornada que inclui a partida, a iniciação e o retorno.

Esta teoria, criada por Joseph Campbell (1904-1987), trouxe, pela primeira vez, A Jornada do Herói ou Monomito. O Monomito é dividido em doze estágios: 1) Mundo Comum; 2) Chamado à aventura; 3) Recusa ao chamado; 4) Encontro com o mentor; 5) Travessia do umbral; 6) Testes, aliados e inimigos; 7) Aproximação do objetivo; 8) Provação máxima; 9) Conquista da recompensa; 10) Caminho de volta; 11) Depuração e 12) Retorno transformado. Neste livro, Campbell (2007) aborda a importância do mito para o homem moderno, tendo em vista que a sociedade moderna tende a ver apenas o literal, deixando de lado os mitos, o folclore que são manifestações culturais de grande importância para a compreensão da sociedade, para a sua evolução. Os mitos estão no nosso coletivo, em nossas vivências e, por isso, ele nos une, é algo que não pertence exclusivamente a alguém, mas à sociedade como um todo, é do conhecimento comum.

Os mitos fornecem símbolos que levam os indivíduos a superarem adversidades que tendem a aparecer nas suas vidas, tanto as que surgem no seu cotidiano como aqueles obstáculos que exigem que nos transformemos para conseguir superá-los. Ele leva o leitor a ver que as transformações são necessárias para que se possa conseguir a evolução e que, às vezes, torna-se necessário deixar algo, alguém ou hábitos para trás para que se consiga progredir. Se não há evolução, ficaram presos em um mundo “infantil” que faz o indivíduo regredir cada vez mais, deixando para ele a escolha de evoluir ou regredir, que consiste em aceitar o novo percurso que tomou a sua vida ou recusá-lo e perante a essa recusa ficar “parado no tempo” em um sofrimento contínuo cheio de “e se”. Avançar não é difícil, mas sim abandonar o comodismo.

Um dos pontos mais importantes do livro de Campbell (2007) é o protagonismo para superar os contratempos, pois é necessário assumir o controle da vida, assumindo também os erros e acertos. Isso implica não deixar se submeter por terceiros. São esses os primeiros passos para superar os obstáculos. O “berço”, a dependência dos pais, por exemplo, deve ser abandonada, para que se possa construir a sua própria história. Com a superação do “berço”, da dependência, o indivíduo estará no controle do seu futuro, como também poderá, com sua aprendizagem, incentivar outras pessoas a progredirem e a assumirem seu destino. O herói é aquele ser que se torna protagonista de sua vida, de seu crescer e se submete a aprender e a ensinar o que aprendeu. Ele está na realidade e não só nos contos maravilhosos.

O monomito também leva o sujeito a entender que o aprendizado não está unicamente nos acertos do herói/da pessoa, pelo contrário ele está nos erros. É possível obter o aprendizado tanto com as conquistas do herói quanto com suas derrotas e até mesmo aprender com o “vilão”. A vida é um aprendizado contínuo, aprendemos com os acertos e conquistas dos outros e o seus próprios. Por outro lado, há o desenvolvimento através dos erros e perdas durante o seu percurso ou de alguém e, além disso, se torna indispensável a separação do imaginário e do real, dos problemas que você cria dos que realmente atravessa o seu caminho impedindo que progrida, só assim será possível superá-los, pois saberá a sua origem. Torna-se, portanto, imprescindível que o ser humano se “levante”, saia do lugar em que está “parado no tempo”, por causa do conformismo e assuma seus caminhos, que, às vezes, podem ser turbulentos, mas são esses caminhos (os mais turbulentos) que mais lhe trarão crescimento, pois o que aprenderá nele, com certeza, auxiliará no futuro próximo ou não.

Em *O Mágico de Oz*, de Baum, no Capítulo I - “O Ciclone”, são apresentados Dorothy, seu tio Henry, sua tia Em e Totó, o cachorrinho da menina. Além disso, também é descrito o local onde reside a família da garotinha, que é uma pequena casa localizada no Kansas (um Estado situado no centro-oeste dos Estados Unidos que simboliza o coração do país):

Dorothy MORAVA NO CENTRO DAS GRANDES PLANÍCIES DO Kansas com seu tio Henry, que é fazendeiro, e sua tia Em, que era dona de casa. A casa era pequena, pois a madeira para construí-la precisara ser transportada pela carroça por muitos e muitos quilômetros. [...] Não havia nem sótão nem porão – apenas um abrigo em caso de ciclone: um pequeno buraco cavado no chão, onde a família podia se refugiar na eventualidade de um forte tornado [...] (Baum, 2020, p. 21).

O primeiro momento do capítulo insere-se no “Mundo Comum”, primeiro estágio da teoria A Jornada do Herói ou Monomito, de Joseph Campbell (2007). Nele é apresentado a rotina do herói, no caso, da heroína. No ponto atual da história, é trazido para o leitor o cotidiano da heroína, Dorothy, onde ela já se encontra acomodada, mas não totalmente, aquele círculo social que é descrito por Baum (2020), como um mundo, um lugar acinzentado, onde apenas a menina e seu cãozinho não eram cinzentos, que pode ser facilmente associado à vida do leitor da obra, ao círculo social a qual pertence, a sua rotina diária na qual já se encontra familiarizado.

Mais à frente, ainda no mesmo capítulo, a obra traz o segundo estágio da jornada

do herói - o “Chamado à aventura”:

“Um ciclone está se aproximando, Em”, gritou para sua mulher. “Vou dar uma olhada no gado.” [...] .
Tia Em interrompeu o serviço e avançou até a porta. Bastou uma olhadela para compreender que estavam correndo perigo.
“Rápido, Dorothy!”, gritou ela. “Corra para o abrigo!”
Totó pulou do colo de Dorothy e se escondeu debaixo da cama. A menina foi atrás dele. [...]. Dorothy finalmente conseguiu apanhar Totó [...]. No meio do caminho, o vento rugiu estridentemente [...] a menina perdeu o equilíbrio e caiu estatelada no chão.
[...]
A casa rodopiou duas ou três vezes e se ergueu lentamente em pleno ar.
[...]. (Baum, 2020, p. 24).

No primeiro estágio da jornada mitológica, que Campbell (2007, p. 66) denomina de “o chamado da aventura”, o herói é convocado para uma jornada. De acordo com Campbell (2007, p. 66):

[...] o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura [...]; da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno [...]. A aventura pode começar como um mero erro, como ocorreu com a aventura da princesa do conto de fadas; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, *ad infinitum*, vindos de todos os cantos do planeta.

Na obra *O Mágico de Oz*, de Baum, a força que empurra o herói ou, no caso em questão, a heroína para uma região desconhecida é o ciclone que desloca a heroína com sua casa e seu cachorro. Como posto na teoria de Campbell (2007), e trazido pelo autor Albert Paul Dahoui no seu artigo “A Jornada do Herói” (s.d.), nesta etapa do monomito, a prática da vida rotineira do/da protagonista da narrativa é quebrada, e ele/ela, é tirado(a) de seus hábitos corriqueiros e colocado em contato com algo que não estava previsto. Neste ponto, poderá haver uma identificação com o leitor da obra, fazendo com que ele relacione algum infortúnio de sua vida com a da personagem. Alguns infortúnios podem

fazer com que sejamos tirados de nossa realidade habitual para outra totalmente diferente como, por exemplo, ter que se mudar de um país para outro, quando tudo em sua vida estava estabilizado, do jeitinho que queria, mas de repente os seus pais ou você mesmo recebe uma proposta irrecusável de emprego ou uma promoção que o/os levará(ão) a ter que se mudar para outro país.

No capítulo II, “O encontro com os Munchkins”, Dorothy e Totó chegam ao mundo de Oz. A casa da garota aterrissa em cima da Bruxa Má do Leste, matando-a. Ela se encontra neste momento no lado leste do reino de Oz. Os Munchkins, povo que habitava o lado leste e era escravizado pela bruxa má que ali reinava até a chegada de Dorothy, chamam a Bruxa do Norte, que é uma bruxa boa, e se apresentam a menina lhe agradecendo por matar a Bruxa Má do Leste, e assim, libertando os Munchkins. Eles explicam quem são e onde estão e Dorothy revela quem é, de onde veio e que quer voltar para a terra de onde veio, mesmo ela sendo tão cinzenta e triste, e o mundo de Oz tão colorido e alegre:

“Não vejo a hora de voltar para meus tios, pois tenho certeza de que vão ficar preocupadíssimos comigo. Vocês podem me ajudar a encontrar o caminho para casa?”

[...]

“Ao leste, não muito distante daqui”, disse um deles, “há um deserto e ninguém jamais conseguiu atravessá-lo”.

“Ao sul também”, disse o outro, [...].

“Fiquei sabendo”, disse um terceiro, “que ao oeste também. [...]”

Ao ouvir isso, Dorothy pôs-se a chorar, pois se sentia muito só em meio àquelas pessoas esquisitas. [...]. (Baum, 2020, p. 35-36).

Nesse trecho, Baum (2020) traz o terceiro estágio do Monomito - a “Recusa ao Chamado”, a garotinha por ora, só quer voltar pra casa, para o seu mundo onde encontra-se o seu tio e sua tia que são o seu porto seguro. Ela não quer viver ali, mesmo Oz tendo tanta cor e alegria que seu mundo cinzento não possui. Como já foi falado, trata-se de um mundo sem cor, sem brilho, por fim, depressivo e que se identifica com a percepção de mundo da maioria das pessoas, mesmo aparecendo algo que lhes mostre um brilho a mais ou inexistente no seu cenário costumeiro. São pessoas que se recusam a sair de sua bolha social, onde se encontram acomodadas, ainda que tenham a chance de embarcar em uma situação melhor que a atual.

Baum (2020) também aborda, ainda neste capítulo, o quarto estágio da Jornada do Herói, que Dahoui trouxe em seu artigo, “Encontro com o Mentor”:

O grupo era composto por três homens e uma mulher, todos com trajes estranhos. [...].

[...] A senhorinha idosa caminhou então até Dorothy, fez uma reverência e disse, com doçura na voz:

“Seja bem-vinda, nobre feiticeira, à terra dos Munchkins. Estamos muito gratos por você ter matado a Bruxa Má do Leste e libertado nosso povo da escravidão.”

[...]

“Puxa!”, exclamou Dorothy. “A senhora é uma bruxa de verdade?”

“Sou, sim”, respondeu. “Mas uma bruxa boa, querida pelo povo. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Má que reinava nestas paragens, do contrário, teria eu mesma libertado os Munchkins da escravidão.”

[...]

A Bruxa tirou a lousa do nariz e, após ler o que estava escrito, perguntou:

“Seu nome é Dorothy, meu bem?”

“É”, respondeu a menina, erguendo a cabeça e secando as lágrimas.

“Então deve ir para a Cidade de Esmeraldas. Talvez Oz possa ajudá-la.”

[...]

“E como faço para chegar até lá?”

“Deve ir caminhando. É uma longa jornada, por uma região por vezes agradável, e às vezes, escura e terrível. Mas vou lançar mão de todas as magias que conheço para protegê-la.”

“A senhora não pode ir comigo?”, suplicou a menina, que começara a ver a Bruxa como sua única amiga.

“Não, não posso”, respondeu, “mas vou te dar um beijo e ninguém vai ousar ferir alguém beijado pela Bruxa do Norte.”

[...]

“A estrada para a Cidade de Esmeraldas é toda revestida por tijolos amarelos”, disse a Bruxa, “não tem como se confundir. Quando encontrar Oz, não tenha medo dele: conte sua história e peça que a ajude. Adeus, minha querida.” (Baum, 2020, p. 30-37).

Na ocasião, o autor expõe o encontro de sua heroína com sua mentora. A Bruxa Boa do Norte, de certa forma, impõe uma decisão a Dorothy, se ela quer voltar para casa, para junto de sua família, terá que enfrentar uma grande jornada até a Cidade de Esmeraldas onde vive o Mágico de Oz que supostamente é o único que pode ajudá-la. Baum (2020) leva, assim, para a sua obra, um exemplo daquelas escolhas que devem ser tomadas para que possamos seguir em frente com a nossa vida, seja para avançar ou para voltar para o ponto de partida, mas o certo é que se faz necessária a ação, uma tomada de decisão. Além do que, também transporta para o enredo a proteção que o mentor oferece ao herói. Como evidencia os trechos acima, a Bruxa do Norte lança seus melhores feitiços e dá um beijo na garotinha, atos que a protegerão no seu caminho em busca de uma forma, uma solução que a faça conseguir chegar em casa. O beijo dado simboliza algo que o mentor ou mentora possua, que esteja na sua posse, um objeto ou um conhecimento que representa a certeza de que ele detém o que torna possível e vai ser preciso para completar seu caminho.

No terceiro capítulo, “Como Dorothy Salvou o Espantalho”, Dorothy e Totó começam a sua jornada para a Cidade de Esmeraldas, em busca da solução que os leve de volta para seus familiares. Por agora, ela se prepara para partir:

Sozinha, DOROTHY PERCEBEU QUE ESTAVA ficando com fome. Foi até o armário, fatiou um pão e passou manteiga. [...], apanhando um balde das prateleiras, foi até o córrego enchê-lo com água fresca e cristalina. [...], Dorothy viu tantas frutas deliciosas pendendo dos galhos que decidiu colher algumas, [...].
 [...] começou a se preparar para a jornada até a Cidade de Esmeraldas.
 [...] A menina se banhou direitinho e colocou a roupa limpa de algodão, e também um chapéu rosa para se proteger do sol.
 [...] Tirando os velhos calçados de couro, ela experimentou os Sapatos de Prata, que serviram [...].
 Por fim, apanhou a cestinha.
 “Vamos, Totó”, disse. “Vamos para a Cidade de Esmeraldas pedir ao Grande Oz que nos ajude a voltar para o Kansas.” (Baum, 2020, p. 39-40).

No instante em que há essa preparação da menina, na narrativa, começa a “Travessia do Umbral”, mais um dos estágios da teoria a jornada do herói, um dos primeiros passos para sair da sua zona de conforto (relacionando com a vida fora da ficção). Aqui, por não ter outra escolha, Dorothy decide começar sua jornada, entrando mais no Reino de Oz: “[...] Dorothy não se sentia mal como era de esperar que se sentisse uma garotinha arremessada de repente do seu país para o meio de um reino desconhecido.” (Baum, 2020, p. 40). No trecho “do seu país de origem para o meio de um reino desconhecido”, fica evidenciado o amor do autor por sua pátria, o que levou esta obra a ser vista como parte da identidade dos Estados Unidos – EUA, afinal de contas não seria mais lógico falar que a menina não está se sentindo deslocada apesar de estar longe da fazenda de seu tio, da sua casa, que era o local onde tinha acesso e residia e não do país já que ela possuía pouca idade? O autor em toda a obra, como pode ser visto nesta análise, menciona o Kansas, um dos Estados dos EUA e não a fazenda do tio da menina e o que ela possui.

Ainda no capítulo III, logo após uma noite de sono na qual ela passou na casa de Bop, um dos membros do povo Munchkins, ele disse: “[...], muito sério, [...] A região aqui é exuberante e agradável, mas para chegar lá, você terá que atravessar lugares inóspitos e perigosos.” (Baum, 2020, p. 42). A menina, assim, sabendo que terá futuras provas, fica apreensiva: “Aquilo deixou Dorothy um pouquinho preocupada, mas ela sabia que somente o Grande Oz poderia ajudá-la a voltar para o Kansas e decidiu, corajosa, que

não ia desistir.” (Baum, 2020, p. 42). Dessa forma, a menina, a heroína da obra de Baum (2020), atravessa o primeiro limiar, o Umbral.

Ainda no capítulo III, Dorothy vai conhecer e resgatar o Espantalho (um dos três aliados que vai acompanhá-la e ajudá-la em sua grande jornada), ele seguiu ao seu lado, ambos em busca do seu objetivo:

[...] Depois de ter caminhado por vários quilômetros, resolveu parar um pouco para descansar e sentou-se em uma cerca. Atrás da cerca, havia um vasto milharal e, não muito longe, Dorothy avistou um Espantalho, fincado em uma estaca comprida para afugentar os pássaros do milho maduro.

Apoiando o queixo em uma das mãos, Dorothy fitou o Espantalho, pensativa.

[...]

“Bom dia!”, disse o Espantalho, com a voz um pouco rouca.

“Você fala!”, exclamou a menina, admirada.

[...]

“Você não pode descer?”

“Não, pois a estaca está presa nas minhas costas. Eu lhe agradeceria imensamente se pudesse me soltar daqui, por gentileza.”

Levantando os braços, Dorothy ergueu o Espantalho e o soltou; [...].

[...]

“Você acha que se eu te acompanhasse até a Cidade de Esmeraldas, Oz me daria um cérebro?”

[...]

“Se vier comigo, vou pedir a Oz que faça tudo o que puder por você.”

“Obrigado”, disse ele, agradecido.

Caminharam em direção à estrada de tijolos amarelos. [...] (Baum, 2020, p. 42 – 46).

Com esse encontro, a garotinha e seu cachorrinho seguem o caminho descrito pela sua mentora até o seu destino, com um aliado que os ajudará a concluir sua viagem, mesmo com as provações que lhes aguardam. Em seguida, no capítulo IV, o Espantalho ajuda a menina pela primeira vez. Ele a ajudou a chegar em um abrigo:

Após mais ou menos uma hora de caminhada, a luz desapareceu por completo e eles se viram avançando aos tropeços, imersos na escuridão. Dorothy não enxergava mais nada, [...]. Já o Espantalho dissera estar enxergando tão bem quanto de dia. Então ela lhe deu o braço e juntos prosseguiram razoavelmente bem.

“Se você vir uma casa ou qualquer outro lugar onde possamos passar a noite, me avise”, disse a menina. [...].

Um pouco depois, o Espantalho parou.

“Estou vendo um pequeno chalé, à nossa direita”, disse, “construído com troncos e galhos. Vamos até lá?”

O Espantalho a conduziu pelas árvores até alcançarem o chalé [...]. (Baum, 2020, p. 55).

No capítulo seguinte, os três viajantes irão encontrar o Homem de Lata. Dorothy saiu em busca de uma fonte de água e, no decorrer do que se seguiu, ela encontrou o Homem de Lata (o segundo dos três aliados que a acompanharia e a ajudaria) e o ajudou. Ele se juntou ao grupo e partiram em busca de Oz:

Terminada a refeição, estava prestes a voltar para a estrada de tijolos amarelos, quando ouviu um gemido não muito longe.
[...]
[...], ao seu lado, [...], estava um homem todo feito de lata, com cabeça, braços e pernas atarraxados ao tronco. Estava completamente imóvel, como se paralisado.
[...]
“Foi você quem gemeu?”, perguntou Dorothy.
“Sim”, respondeu o Homem de Lata, “fui eu. Estou parado aqui gemendo há mais de um ano, mas nunca ninguém me ouviu ou veio me ajudar.”
“O que posso fazer por você?”, indagou ela [...].
“Pegue a lata de óleo e lubrifique minhas juntas”, respondeu. “Ficaram tão enferrujadas que não consigo me mexer. [...].
[...]
“Vocês acham que Oz me daria um coração?”
[...]
[...] O Homem de Lata apoiou o machado no ombro e seguiu com a dupla pela floresta, até reencontrarem a estrada revestida de tijolos amarelos. (Baum, 2020, p. 58 e 60).

Seguindo para o capítulo VI, os quatro companheiros vão encontrar com o Leão Covarde dentro da floresta (que será o terceiro aliado de Dorothy, e os três ajudarão a menina, além de serem auxiliados por ela), que de início vai atacá-los, porém, depois irá acompanhá-los, também em busca da realização de um desejo:

Dorothy E SEUS COMPANHEIROS atravessavam uma floresta cerrada.
[...] ouviram um terrível rugido vindo da floresta e, antes que pudessem reagir, um enorme Leão saltou diante deles na estrada. Com uma patada, arremessou o Espantalho para longe e arranhou o Homem de Lata com suas garras afiadas [...].
[...]
“Não se atreva a morder Totó! Você devia se envergonhar, um animal feroz do seu porte tentando morder um pobre cachorrinho!”
“Eu não mordi ele”, respondeu o Leão, esfregando a patinha no focinho.
“É, mas bem que tentou”, retrucou ela. “Você não passa de um grandessíssimo covarde.”
“Eu sei”, suspirou o Leão, abaixando a cabeça, envergonhado. “Sempre soube disso. Mas não consigo ser diferente.”
[...]
“Vocês acham que Oz me daria coragem?”, perguntou o Leão Covarde.
“Tão fácil quanto me dar um cérebro”, garantiu o Espantalho.

[...]

Mais uma vez o grupo seguiu viagem, agora com o Leão andando imponente ao lado de Dorothy [...]. (Baum, 2020, p. 67-72).

Baum (2020) dá início, na narrativa, ao estágio “Testes, aliados e inimigos” nos capítulos III, IV, V e VI, como demonstra os trechos acima. Com Dorothy (a heroína do romance) e Totó, a partir do sexto capítulo já vão estar os seus principais aliados, além de já terem passados por alguns testes no percorrer do caminho. Mais à frente, no capítulo VII, vão começar as primeiras, das maiores adversidades que os cinco (Dorothy, Totó, Espantalho, Homem de Lata e Leão Covarde) iriam enfrentar:

[...] Com menos de uma hora de caminhada, depararam-se com um fosso que, cortando a estrada, dividia a floresta. Era muito largo e, ao se aproximarem da margem, constataram que era também bastante profundo, [...].

“O que vamos fazer?”, perguntou Dorothy, aflita.

“Não faço a menor ideia”, respondeu o Homem de Lata, enquanto o Leão sacudia a juba, pensativo.

Foi então que o Espantalho disse:

“Bom, não podemos cruzar o fosso voando, é claro. Nem podemos arriscar uma descida neste abismo. Então, se não podemos saltar sobre ele, acho melhor pararmos por aqui.”

“Acho que posso saltar”, disse o Leão Covarde, após calcular a distância em sua mente.

[...]

“Morro de medo de cair”, confessou o Leão Covarde, “mas não nos resta outra opção a não ser tentar. Suba e vamos lá.”

[...]

Para piorar a situação, começaram a ouvir ruídos estranhos e o Leão explicou, num sussurro, que aquela região era habitada por Kalidahs.

“O que são Kalidahs?”, perguntou a menina.

“São monstros com corpos de ursos e cabeças de tigre”, respondeu o Leão, [...].

[...] se depararam com outro fosso. Era tão vasto e profundo que o Leão constatou que não conseguiria passar por ele.

Sentaram-se para decidir o que fazer e, após concentrada reflexão, o Espantalho sugeriu:

“Há uma árvore bem alta, ali ao lado do abismo. Se o Homem de Lata conseguir derrubá-la, vai tombar sobre o fosso e podemos cruzar pelo tronco, como se fosse uma ponte.”

[...]

Mal tinham começado a cruzar a ponte improvisada, quando ouviram um rugido medonho. [...].

“São os Kalidahs!”, gritou o Leão Covarde, todo trêmulo.

[...]

Embora morto de medo, o Leão Ficou por último, para enfrentar os Kalidahs. [...].

[...] o Leão disse para Dorothy:

“Estamos perdidos, eles vão nos dilacerar com suas garras afiadas. [...].

“Espere!”, gritou o Espantalho, [...]. Ele pediu ao Homem de Lata para

cortar a copa da árvore que jazia na margem onde estavam. [...], a árvore despençou e levou junto as horrendas feras, [...] (Baum, 2020, p. 77 – 81).

Lembrando dos propósitos do Espantalho e do Leão Covarde e o porquê deles estarem seguindo essa jornada, percebemos nos trechos acima que, apesar de o Espantalho querer um cérebro para, assim, conseguir pensar, refletir é ele o membro do grupo que mais pensa e reflete e por isso, acaba se tornando, de certa forma, o líder do grupo, pois é ele quem encontra a solução, a resolução dos problemas enfrentados. Mostrando ao leitor (apesar do personagem não perceber esse fato), que o que você/nós tanto busca(mos), pode já está em sua(nossa) posse, trazendo assim a lição de que você/nós é capaz de resolver contratempos, mesmo enfrentando aquilo em que tem ou acha que tem mais dificuldade. Que a resposta que procura, se encontra nele e que com ajuda dos seus aliados/amigos ou colegas de trabalho, podem solucionar se trabalharem em equipe.

O Leão Covarde, apesar de se intitular assim, tem muita coragem e por seus amigos ele enfrenta os seus medos, trazendo o aprendizado de que apesar de ter medo, isso não significa que não traga consigo a coragem, que basta enfrentar seus medos, junto a alguém ou mesmo sozinho(a). O autor, também mostra na narrativa, que embora a finalidade do Homem de Lata seja conseguir um coração, para poder sentir e demonstrar emoção: empatia, felicidade, tristeza etc., ele já a possui, como mostra a citação a seguir: “Se você quiser, posso ir floresta adentro e matar um cervo [...]”. “Não faça isso, por favor!”, suplica o Homem de Lata. “Se matar um pobre cervo, com certeza vou chorar e minha mandíbula vai ficar toda enferrujada de novo.” (Baum, 2020, p. 76).

No capítulo VIII, Baum (2020) narra mais um obstáculo “O Campo Mortífero de Papoulas”. Local onde Dorothy, Totó e o Leão, acabariam sendo pegos pelo veneno das papoulas, que causa sono em quem é afetado por ele e por não conseguirem sair do campo de papoulas acabam por morrer de fome. O Espantalho e o Homem de Lata (que não foram atingidos pelas flores, por não serem seres vivos normais) só conseguem transportar para fora do campo de flores a menina e o cachorrinho, pois o Leão era pesado demais para carregar: “Carregaram a menina adormecida até uma área próxima ao rio, longe o suficiente do campo de papoulas para impedir que continuasse inalando o veneno das flores. Acomodando-a delicadamente na relva fofa, aguardaram até que a brisa fresca a despertasse.” (Baum, 2020, p. 94).

No próximo capítulo, ainda com Totó e Dorothy adormecidos, o Espantalho e o

Homem de Lata salvam um rato do campo de um gato selvagem, esse rato era A Rainha de todos os ratos do campo. Ela perguntou se podia fazer algo por eles e então o Espantalho pediu que ela e seu povo os ajudassem a salvar o Leão Covarde:

“Sim, vocês podem resgatar nosso amigo o Leão Covarde, que está adormecido no campo de papoulas.”

[...]

A Rainha voltou-se para seus súditos e ordenou que fossem depressa convocar todo o seu povo. Assim que ouviram suas ordens, saíram em disparada, em todas as direções.

[...]

[...] Em pouco tempo, arrastaram o Leão para longe das papoulas em direção à relva verde, onde ele poderia inspirar o ar doce e fresco novamente e afastar-se da fragrância venenosa das flores (Baum, 2020, p. 100 e 104).

Novamente, é referenciada dentro do romance a questão da importância do trabalho em equipe. Com a ajuda de outras pessoas (no caso da narrativa, de mais ratos), algo considerado impossível, pode não só se tornar viável, mas de fácil realização. Neste capítulo, o autor completa o estágio seis do monomito; nos dois capítulos seguintes, ele vai abordar a sétima etapa da teoria de Campbell (2007), exposto por Albert Paul Dahoui (s.d.) “Aproximação do objetivo” onde o herói/nós se/nos encontra(mos) perto de suas/nossas aspirações:

“Deve ser a Cidade de Esmeraldas”, disse Dorothy.

O brilho tornava-se mais intenso à medida que se aproximavam e parecia que sua jornada estava chegando ao fim. No entanto, só alcançaram a muralha que cercava a cidade à tarde. Era alta, espessa e completamente verde.

[...]

Havia uma campainha ao lado do portão. Dorothy apertou o botão e ouviu um som cristalino ecoar lá dentro. O portão abriu-se lentamente e, ao atravessá-lo, os amigos se viram em um salão luxuoso, cujas paredes reluziam com incontáveis esmeraldas.

[...]

Então o Guardião do Portão colocou seus próprios óculos e avisou que estava pronto para levá-los ao palácio. [...].

[...]

“São viajantes”, disse o Guardião do Portão ao soldado, “e exigem ver o Grande Oz.”

[...]

“Por favor, fiquem à vontade enquanto vou até a porta do Salão do Trono e aviso Oz que estão aqui.”

[...]

“[...] ele só receberá um por dia [...].”

[...]

Neste momento, um sino soou e a moça verde disse para Dorothy:

“É o sinal. Você deve entrar no Salão do Trono sozinha.”

[...]

“Eu sou Oz, o Grande Terrível. Quem é você e por que veio me procurar?”

[...]

“Eu sou Dorothy, a Pequena e Mansa. Vim pedir sua ajuda.”

[...]

“O que você quer que eu faça?”

“Quero me mande de volta para o Kansas, onde estão minha tia Em e meu tio Henry” [...].

[...]

“O que devo fazer?”, pergunta a menina.

“Matar a Bruxa Má do Oeste”, respondeu Oz (Baum, 2020, p. 114-128)

Avançando, no capítulo XII, Baum (2020) irá abordar em sua obra, a “Provação máxima”, que é o ponto mais alto das atribulações que temos que passar para concluir o caminho, a meta que visamos alcançar. Na trama, Dorothy e seus amigos vão atrás da Bruxa Má do Oeste. Ela, ao ver o grupo em seus domínios, começa a mandar os seres que a servem para eliminá-los:

[...] uma matilha de lobos surgiu de todas as direções para atender seu chamado [...].

“Encontrem os invasores”, ordenou a Bruxa, “e destroquem eles.”

[...]

[...] Havia quarenta lobos e foram quarenta golpes fatais, formando uma pilha de mortos diante do Homem de Lata.

[...]

A Bruxa Má ordenou ao Rei Corvo:

“Voem até os forasteiros, arranquem seus olhos e destroquem eles.”

Os corvos selvagens partiram em bando na direção de Dorothy e seus companheiros. Quando a menina os viu se aproximarem, ficou morta de medo. Mas o Espantalho disse:

“Deixe comigo, fiquem atrás de mim e não serão feridos.”

[...]

[...] Havia quarenta corvos e quarenta vezes o Espantalho torceu um pescoço, até que todos jaziam mortos aos seus pés. Só então chamou seus companheiros, que se levantaram, e assim prosseguiram viagem.

[...]

[...] um enxame de abelhas pretas veio voando em sua direção.

“Encontrem os forasteiros e piquem-nos até a morte!”, ordenou a Bruxa.

[...].

“Arranque minha palha e cubra Dorothy, Totó e o Leão com ela”, disse ao Homem de Lata, [...].

As abelhas não viram ninguém a não ser o Homem de Lata, então voaram até ele para atacá-lo. Porém, quebraram todos os ferrões no metal [...].

[...]

[...] Chamou então uma dúzia de seus escravos Winkies, e dando-lhes lanças afiadas, ordenou que encontrassem os forasteiros e os destruíssem.

[...] O Leão deu um rugido assustador e saltou diante deles, e os pobres Winkies ficaram tão apavorados que fugiram correndo.

[...]
 [...] Um adejar de asas, uma algazarra de vozes e risos [...] a Bruxa Má cercada por uma multidão de macacos [...].
 [...] “Você nos convocou pela terceira e última vez. O que ordena?”
 “Encontrem os forasteiros que estão no meu reino e destruam todos, exceto o Leão, disse a Bruxa Má. “Tragam a fera para mim, [...].”
 [...] Alguns Macacos agarraram o Homem de Lata [...]. Jogaram [...], que despencou nas pedras [...].
 Outros Macacos pegaram o Espantalho e, com seus dedos compridos, arrancaram toda a palha [...].
 Os demais Macacos atiraram cordas firmes em volta do Leão e prenderam seu corpo, sua cabeça e suas patas, impossibilitando-o de morder, arranhar ou se defender. [...]
 [...] “Não ousem tocar na garotinha”, advertiu, “pois está protegida pelo Poder do Bem, que é maior que o Poder do Mal. Só podemos capturá-la e levá-la para o castelo da Bruxa Má.”
 [...] [...] A Bruxa Má [...] Disse então para Dorothy [...]:
 “Venha comigo e me obedeça direitinho, ou vou acabar com você, como fiz com o Homem de Lata e o Espantalho.”
 [...] “Se não posso amarrá-lo”, disse para o Leão, [...], “vou deixá-lo morrer de fome. Não comerá nada até que me obedeça.” (Baum, 2020, p. 138-147).

Nesta hora, parece que tudo estava perdido, que os esforços que desempenharam foram inúteis. Isso é aquele momento em que começa a aparecer dúvidas, é quando passamos a desacreditar, será que valeu a pena ou tudo foi em vão? Na verdade não é o fim, nem sempre tudo se resolve de imediato, mas a resolução irá ocorrer:

A Bruxa Má queria porque queria os Sapatos de Prata que Dorothy jamais tirava dos pés. [...].
 [...] um dos Sapatos de Prata escapuliu do pé e [...] a Bruxa o afanou [...]. A menina, ao ver que tinha perdido um dos seus lindos sapatos, ficou irritada [...].
 Aquilo deixou Dorothy tão furiosa que lançou mão do balde de água que estava ao seu alcance e o despejou em cima da Bruxa [...].
 [...] a Bruxa reduziu-se a uma massa marrom, derretida e amorfa [...] Dorothy encheu o balde de água mais uma vez e o entornou sobre os resquícios da Bruxa [...] (Baum, 2020, p. 148 -150).

Do capítulo XIII ao XV, a menina solta o Leão Covarde e com ele o povo que era governado pela Bruxa. Com a ajuda deles irá resgatar seus companheiros (o Espantalho e o Homem de Lata). Depois de resgatá-los, ambos vão em direção a Cidade de Esmeraldas e estando de volta acabam descobrindo que Oz era uma farsa.

Prosseguindo com a narrativa, o autor exhibe em sua obra a “Conquista da

recompensa”. Ele vai dedicar o capítulo XVI, a dar o que os seus personagens (Espantalho, Homem de Lata e Leão Covarde) tanto desejam, apesar de deixar claro na história que ambos já possuem o que tanto querem, afinal o intuito deles é conseguir algo, sobre a intervenção de alguém, que só pode ser alcançado pelo próprio sujeito. Este estágio é, como o nome já diz, a aquisição do que tanto o sujeito deseja, mesmo que ele já o possua e, simplesmente, não o perceba.

[...] o Espantalho disse para seus amigos:
 “Podem me felicitar. Estou indo ter com Oz, para finalmente receber meu cérebro. Quando voltar, serei como qualquer outro homem.”
 [...]
 Depois de prender novamente a cabeça do Espantalho no corpo, ele disse:
 “A partir de agora, serás um grande homem, pois lhe concedi um cérebro novinho em folha e com todos os parafusos no lugar.”
 [...]
 “Bem, devo ir até Oz buscar meu coração”, disse o Homem de Lata [...].
 [...] Ele colocou o coração no peito do Homem de Lata e depois repôs o revestimento de metal, soldando-o de volta.
 [...] “agora você tem um coração do qual todo homem poderia se orgulhar.
 [...]
 Foi a vez do Leão dirigir-se até o Salão do Trono e bater à porta.
 “Entre”, disse Oz.
 “Vim buscar minha coragem”, anunciou o Leão, entrando no aposento.
 [...]
 “Tome-a”, disse o Mágico.
 [...]
 O Leão não hesitou nem mais um segundo e tomou tudo, até esvaziar a tigela (Baum, 2020, p. 181 – 184).

No capítulo que se segue (O Lançamento do Balão), dá início ao passo 10 “Caminho de volta”, o Mágico de Oz constrói um balão com a ajuda de Dorothy para que eles atravessem o deserto juntos: “[...] perguntou a menina. ‘O senhor vai comigo?’” (Baum, 2020, p. 188). Após a confirmação ambos começaram a trabalhar no balão que tirariam os dois daquele mundo e os levariam de volta ao mundo civilizado: “Dorothy apanhou linha e agulha e começou a costurar as tiras de seda com a mesma rapidez com que Oz as recortava [...]” (Baum, 2020, p. 189).

Tendo Dorothy perdido a chance de ir com Oz, por conta de Tóto: “[...] Totó correria pela multidão atrás de um filhote de gato e Dorothy custou a encontrá-lo. Finalmente, o pegou no colo e correu até o balão.” (Baum, 2020, p. 190). Graças a este incidente ela ficou e o Mágico partiu sozinho, pois “[...] as cordas arrebentaram e o balão subiu sem ela.” (Baum, 2020, p. 191).

Portanto, Dorothy, Totó, Espantalho, Homem de Lata e o Leão Covarde terão que

embarcar em novas tribulações enquanto vão rumo ao sul do Mundo de Oz em busca de Glinda (a Bruxa Boa do Sul), nova detentora do saber/poder que levará a menina e seu cachorrinho de volta ao Kansas. Todos eles decidem ir com Dorothy e Totó, apesar do Espantalho ter se tornado o novo governante da Cidade de Esmeraldas, pois a menina os ajudou a alcançar suas aspirações. Dessa forma, a trama entra em “Depuração”, penúltimo estágio da teoria “A Jornada do Herói”, que se trata de um acontecimento que pode guiar o herói/indivíduo a tomar outra direção. Este passo, começa no capítulo décimo oitavo (quando o grupo decide partir da Cidade de Esmeraldas) e vai até o capítulo vigésimo segundo (que é quando Glinda resolve receber o grupo de amigos).

No capítulo XXI, o Leão Covarde mata uma aranha gigante, que estava assustando os animais em troca deles o coroarem como Rei da Floresta: “Com um único safanão de sua pesada pata, armada com garras afiadas, ele arrancou a cabeça da aranha [...]” (Baum, 2020, p. 220). Após anunciar que havia derrotado a aranha e de ser reconhecido como líder pelos animais, ele partiu com seus amigos prometendo voltar, assim que Dorothy voltasse para casa.

Os últimos dois capítulos abordam o último estágio “Retorno transformado”. Glinda antes de revelar a forma como Dorothy e Totó voltariam para casa, pede em troca a touca mágica que Dorothy possui (que no mesmo momento decide entregá-la) e pergunta aos seus amigos o que farão quando ela for embora. O Espantalho e o Leão dizem que vão regressar ao local onde foram coroados líderes e o Homem de Lata diz que os Winkies queriam que ele governasse a sua região, então iria para lá. Depois da resposta de cada um, ela revela a Dorothy que os Sapatos de Prata, que sempre estiveram com ela, porta o poder de levá-la de volta ao Kansas e finalmente Dorothy regressa para casa, após se despedir de seus amigos, pegou seu cachorrinho e “[...] bateu os calcanhares três vezes [...]” (Baum, 2020, p. 234).

Baum (2020) conclui o romance com o curto capítulo “Em Casa”, onde nossa protagonista regressa transformada e com valores e lições de vida a ensinar:

TIA Em ESTAVA SAINDO PARA REGAR os repolhos quando viu Dorothy correndo em sua direção.

“Minha menininha!”, gritou ela, envolvendo Dorothy nos braços e a cobrindo de beijos. “Onde você esteve?”

“Na terra de Oz”, respondeu Dorothy, muito animada. “E Totó também. Mas, ah, tia Em! Não há maior alegria do que voltar para casa!”

FIM” (Baum, 2020, p. 235)

O autor traz, assim, novamente a questão de você não só ser capaz de alcançar seus sonhos, suas aspirações como também o fato de que a resposta de seus problemas pode estar com você que possui desde o início de sua jornada o que é necessário para terminá-la. Para isso, só precisa, durante a jornada, estar aberto a ouvir e aprender com os outros e com cada obstáculo que encontrará nela. Ou seja, o que o indivíduo necessita é tomar posse de seu destino, é se tornar protagonista de sua história. É isso que transporta Campbell (2007), em seu livro, é a maior lição de vida, juntamente com o trabalho em equipe, que o romance juvenil *O Mágico de Oz* de L. Frank Baum, entrega para o seu leitor. Mesmo que o conhecimento necessário para conseguir evoluir em sua vida esteja na posse de outro, só você pode fazer o que é preciso para a sua própria evolução, só você pode ser protagonista de sua própria história.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico pretendeu analisar a obra de Lyman Frank Baum, *O Mágico de Oz*, verificando os valores e lições de vida nela impressos. Para tanto, valeu-se da perspectiva de “A Jornada do Herói” ou “Monomito”, trazida por Joseph Campbell, em seu livro *O herói de mil faces* (2007), e da abordagem da literatura infantojuvenil na perspectiva de sua origem como instrumento pedagógico até o contexto contemporâneo de formação integral do sujeito.

Em um primeiro momento, necessário se fez falarmos um pouco sobre a literatura infantil e juvenil ou infantojuvenil, como mais comumente é denominada. Neste intuito, vimos que o surgimento de uma literatura dedicada exclusivamente ao público infantojuvenil teve sua gênese durante a formação da classe burguesa e da estruturação

de uma nova unidade familiar, o casal com seus filhos e filhas. Neste cenário, a infância como fase da vida que requer cuidados específicos requisita desta nova família uma instituição escolar que acolha os ditames da burguesia nascente. Esta instituição, por sua vez, encontra na literatura o instrumento necessário para conduzir a formação humana de suas crianças e jovens.

A literatura destinada a este público se apresenta, neste cenário, revestida de um caráter estritamente pedagógico, desconsiderando, assim, o aspecto estético da obra, tão importante ao campo literário. Todavia, numa abordagem contemporânea, vimos a partir de alguns estudiosos do assunto como Colomer (2017), Zilberman (2021) e Dalvi (2021) que a literatura destinada ao público infantil e juvenil extrapola o meramente pedagógico. É evidente que o caráter pedagógico faz parte do literário, pois estamos diante de um discurso que, enquanto linguagem, tem seus direcionamentos ideológicos. No entanto, atualmente, a literatura para crianças e jovens deixou de ser engessada em preceitos morais, oportunizando o diálogo com as transformações culturais e tecnológicas.

Em um segundo momento, acompanhamos a narrativa de *O mágico de Oz*, verificando os estágios da jornada de Dorothy e de seus amigos: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão. Vimos cada um dos estágios apontados por Campbell (2007), a partir da narrativa de Baum (2020). Neste aspecto, a jornada em direção a uma região desconhecida, o mundo de Oz, torna-se possível graças a um fenômeno da natureza, o ciclone. A aceitação da jornada pelo mundo de Oz por parte da heroína, Dorothy, favorecerá o crescimento físico e espiritual não apenas da protagonista, mas também de seus aliados e companheiros de viagem, pois, ao final, todos alcançam o que desejam, o retorno amadurecido de Dorothy para sua casa no Kansas; o reconhecimento da inteligência no Espantalho, que buscava um cérebro; o da capacidade de amar, desejada pelo Homem de Lata; assim como o da coragem no Leão.

O herói ou heroína é um ser que transita entre o plano celeste e o terrestre. Eles não são dotados de imortalidade, embora possam se tornar imortais por seus atos e abnegações. Sua função primordial é proteger aqueles a quem jurou proteção, colocando a sua própria vida em risco. Este ser é dotado de força física incomum, de uma destreza extraordinária, além de uma coragem fora do comum. A inteligência é também um atributo que lhe pode ser inerente. Todas essas características vemos em nossos heróis de *O Mágico de Oz*. No mundo moderno, os heróis ou heroínas não possuem mais superpoderes ou lutam sozinhos em prol de um coletivo, pois as verdades mitológicas perderam sua estabilidade, diante de uma ideia de grupo que foi dissolvida pelo

individualismo capitalista. Neste cenário, os heróis e heroínas perderam sua função, mas, à revelia, eles e elas permanecem.

Hoje, reconhecido ou não, o herói ou heroína modernos, enquanto indivíduos, continuam recebendo o chamado para transformar o mundo espiritualmente, à medida que transformam a si mesmos. Para aqueles ou aquelas que atendem a este chamado, uma jornada se põe à frente e ela certamente virá envolvida por todo tipo de repulsa a este herói ou a esta heroína. Restará a ele ou ela aceitar ou recusar tal chamado. Aceitando-o, haverá um percurso que compreenderá a partida, a iniciação e o retorno desse herói ou heroína já transfigurados. Porém, a recusa ao chamado, conforme Campbell (2007, p. 67), implicará a gradual desintegração do ser. Trabalhar a jornada do herói de Campbell em narrativas literárias destinadas a crianças e jovens ajuda na identificação do leitor com a obra literária, formando potenciais leitores críticos. Além disso, Todos nós enfrentamos uma jornada em nossas vidas e nos tornamos heróis ou heroínas de nossas narrativas de vida.

REFERÊNCIAS

Baum, Lyman Frank. **O Mágico de Oz**. ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020.

Campbell, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

Coelho, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. Barueri, SP: Manoele, 2010. Cap. 6. Século XIX: Romantismo e Realismo (a Descoberta da Criança), p. 170 – 181.

Colomer, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. ed. São Paulo: Global, 2017.

Dahoui, Albert Paul. A Jornada do Herói. **Academia.edu**. [s.l.], p. 1 – 5, s.d. Disponível em: <>. Acesso em: 22 ag. 2024.

Dalvi, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. *In.*: Macedo, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 17-44.

Gil, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

Matangrano, Bruno Anselmi. O mundo de Oz de L. Frank Baum: contos de fadas modernizados, utopia norte-americana ou alta fantasia avant la lettre? **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 74, n. 1, p. 227-257, jan/abr 2021.

Sousa, Angélica Silva de; Oliveira, Guilherme Saramago de; Alves, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. **Cadernos da FUCAMP**. Monte Carmelo – MG, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

Zilberman, Regina. **A Literatura infantil na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Zilberman, Regina. Prefácio: Ensinar é preciso – resistir também. *In.*: Macedo, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2021, p. 7 – 11.